

“ÚLTIMA HORA”: A INVENÇÃO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO

Aluna: Gisele Marques
Orientador: Leonel Aguiar

Introdução

A partir de um estudo sobre os critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo, procurou-se entender o exercício da profissão e suas rotinas produtivas. Dessa forma, foi possível questionar a idéia do jornalismo enquanto um mero reflexo do real para, então, apontar uma discussão sobre as notícias como modo de construção da realidade. Além disso, realizou-se um estudo comparativo entre as atuais reportagens investigativas e as chamadas ‘grandes reportagens’ na década de 50, tomando como base os primeiros meses de publicação do Jornal *Última Hora*, a fim de analisar as variações na linguagem jornalística.

Objetivos

Mostrar por que o termo ‘jornalismo investigativo’ não pode ser considerado um simples pleonasma, uma vez que este gênero de narrativa jornalística é responsável por uma dedicação distinta de tempo, reflexão crítica e de empenho na “busca da verdade” – expressão sempre presente nas entrevistas que Lopes e Proença (2003) realizaram com 16 jornalistas investigativos – para apurar informações detalhadas acerca do tema ao qual o repórter pretende divulgar. Indicar se as chamadas ‘grandes reportagens’ da década de 50 podem ser consideradas ‘reportagens investigativas’. Ressaltar a importância da questão ética para a profissão e seus desdobramentos na sociedade. Destacar a mudança na linguagem, salientando de que forma a lógica mercadológica da imprensa foi responsável por fazer o jornalismo opinativo ceder, gradativamente, lugar para o informativo.

Metodologia

Pode-se afirmar que, para muitos jornalistas, é inconcebível outro conceito senão o de que a notícia é o reflexo do real, de que o fato está dissociado do relato. Para os adeptos dessa teoria, é como se isso fosse responsável por “habilitar” o exercício da profissão. A análise desta pesquisa, entretanto, tomou como embasamento a teoria do *Newsmaking*, “como afirma Tuchman (1983: 94), a notícia constrói uma representação da realidade social; ou conforme reforça Hall (1984: 04), a notícia é uma construção narrativa da realidade” (AGUIAR, 2006: 76).

Entende-se, aqui, que o sujeito do conhecimento constrói o objeto do conhecimento e, por sua vez, é também construído por ele. Assim, o fato e o relato fundem-se. Isso se contrapõe ao senso comum recorrente na comunidade jornalística, que “adota” em larga escala a “Teoria do Espelho”, na qual “o jornalismo reflete a realidade: a imprensa é um “espelho” do real e as notícias são um reflexo – um relato verdadeiro e fiel dos fatos” (AGUIAR, 2006 apud TUCHMAN, 1983: 79).

A partir de então, o objetivo seria identificar que critérios de noticiabilidade adotam os jornais da grande imprensa do Rio de Janeiro. Contudo, em função de uma adequação do cronograma de pesquisa, não foi possível desenvolver esta parte do trabalho. A pesquisa teve, então, como ponto de partida as comparações entre os relatos dos próprios jornalistas investigativos e as grandes reportagens – algumas vezes publicadas em mais de uma edição – das primeiras publicações do jornal *Última Hora*. Através do método etnográfico – entrevistas com

os informantes – foi possível coletar informações sobre a definição desse gênero jornalístico e suas rotinas produtivas.

O período de análise do jornal escolhido se deve ao fato de o seu lançamento, em 12 de junho de 1951, coincidir com o ideal desenvolvimentista que começa a se configurar no cenário brasileiro. Especificamente nas empresas jornalísticas, ganham terreno os conceitos norte-americanos de objetividade, neutralidade e imparcialidade. O argumento é que, com “essas técnicas”, seria possível ganhar maior credibilidade junto ao público leitor. Por trás disso, há o interesse em atrair anunciantes.

No periódico em questão, o repórter que aparece mais vezes neste tipo de reportagem é Edmar Morel. As narrativas se constituem com excesso de apelo e tom sensacionalista. As reportagens são muito adjetivadas e com juízos de valor. Há dados e fontes, mas também o excesso de pessoalidade. Em contrapartida, no panorama atual, a neutralidade e a imparcialidade são duas atitudes amplamente ressaltadas pela comunidade jornalística, que destaca a necessidade de se haver precisão e exatidão no texto, além de uma ética rígida e profissional (LOPES e PROENÇA, 2003).

Em análise aos relatos e reportagens, pôde-se perceber que o jornalismo investigativo está ancorado na curiosidade e no trabalho intenso de assuntos para o interesse público (isso já é notado na década de 50, embora haja diferenças na produção da narrativa jornalística). O gênero não pode ser confundido com “denuncismo”, o que não desqualifica a denúncia como ponto de partida. Além disso, trata de desvios de conduta que afetam diretamente à sociedade e normalmente as denúncias são resultado de uma investigação minuciosa por parte dos repórteres. No processo de elaboração das reportagens, o profissional procura a verdade que está camuflada, indagando a origem e a causa dos fatos, a fim de buscar ligação entre eles. Para tanto, cada testemunho, cada documento que se recolhe é uma trama de fatos e opiniões. Assim, o jornalismo investigativo pode mudar os rumos da história (idem).

Conclusão

Foi possível inferir, portanto, como a característica literária perdeu espaço para a técnica; como o jornalismo opinativo daquela época passou a ser coadjuvante, no cenário onde, hoje, protagoniza o jornalismo informativo. Pôde-se perceber, ainda, que tanto na reportagem com juízos de valor, excesso de adjetivação e pessoalidade quanto em uma reportagem dita imparcial, há participação, ainda que involuntária, do próprio jornalista. Por isso, a questão ética precisa ser constante para o exercício da profissão. Como produtor de sentido no processo de construção da realidade, é necessário saber que há discursos dentro da própria narrativa jornalística que vão gerar desdobramentos. Dessa forma, o profissional deve ter consciência de sua responsabilidade, uma vez que pode possibilitar a formação de olhares críticos e, por conseguinte, mudanças no contexto social.

Referências

AGUIAR, Leonel. Jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu - Revista da Comunicação, Cultura e Política**, v. 7, n.13, p. 73-84, jul./dez. 2006.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (org.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.